

## COISAS DA POLÍTICA

DORA KRAMER

### Cacife de Sarney é problema no Senado

Cabeças importantes da República têm-se ocupado ultimamente na busca de solução para um problema grave: como evitar que José Sarney seja, a partir de fevereiro próximo, o presidente do Congresso Nacional, peça-chave na condução das reformas constitucionais que pretende o futuro governo. A questão é que Sarney quer disputar a presidência do Senado e tem força, voto e cacife para isso. O que falta a ele, na opinião do PMDB gaúcho, de boa parte do PFL, do PSDB inteiro e também da equipe do presidente eleito, é perfil adequado ao figurino da estação.

O Parlamento em geral e os políticos em particular acreditam que que a leitura do resultado das urnas leva à necessidade de mudanças rápidas. Todo mundo acha, mas não diz, que José Sarney poderia ser o homem certo, mas em momento e local errados. O jogo delicado que se arma no bastidor da disputa pela Mesa do Senado está em fase inicial e seus personagens ainda se movimentam cuidadosa e obscuramente.

Até porque aguardam todos um sinal mais claro de Fernando Henrique Cardoso. Ele não fará gestos largos nem evidentes a respeito do assunto. Enquanto aguardam que o PMDB resolva a questão internamente e opte por um candidato que imprima imagem mais avançada ao partido, PFL e PSDB buscam a melhor maneira de encontrar uma solução sem traumas. Por trauma entende-se um atrito direto com Sarney.

Nesses dois partidos já surgem algumas sugestões. Uma delas parte do grupo mais afinado com Antônio Carlos Magalhães, que acha que Sarney acabará vencedor. Essa facção avalia que na bancada pemedebista ninguém tem mais força do que ele. A saída, então, seria fazer um acordo pelo qual a presidência do Senado assumisse uma configuração mais honorífica, mantendo-se o presidente longe da administração política propriamente dita. A tarefa, então, ficaria para o primeiro vice-presidente e o primeiro secretário, cargos que seriam ocupados pelo PFL e PSDB, respectivamente.

Um integrante deste grupo, ontem, embasava seu raciocínio com a seguinte pergunta: "E alguém imagina que Sarney está disposto a presidir um Congresso para agüentar provocação de Chico Vigilante?" O argu-

mento de que o senador maranhense não tem temperamento para administrar as pequenas chateações do cotidiano pode até sensibilizar uma outra ala do PFL — que prefere mesmo a via do embate em plenário e defende a candidatura de Pedro Simon —, mas não a convence totalmente.

Isso porque não se acredita que Sarney possa aceitar presidir o Senado como uma rainha da Inglaterra. Noção de poder não lhe falta. Sendo assim, este grupo acha que o melhor é investir na capacidade que o PMDB gaúcho terá de convencer o restante do partido de que é preciso avançar para não sucumbir diante das novas exigências do eleitorado. Nesse caso, venceria Simon ou, talvez, José Fogaça, se o primeiro não aceitar o embate frontal.

A entrevista dada ontem por José Sarney já admitindo disputar a presidência — recuando, assim, de sua posição de só aceitar o cargo por indicação unânime — foi interpretada como um sinal de que ele está sentindo abalos em sua força. "Evidentemente que Sarney vê que há resistências de peso ao seu nome", raciocinou um pefelista da ala que pretende a modernização do Senado, ao saber das declarações do ex-presidente.

Há ainda, entre aqueles que estudam mudanças regimentais para o Senado, os que defendem posições radicais. Algo assim como uma prevenção à possibilidade de eleição de um presidente que não seja do agrado dos renovadores. Nesse sentido, existe uma proposta para que todos os diretores da Casa sejam indicados ou demitidos por apreciação do plenário. Pelo regimento atual, este poder é do presidente. A intenção, clara e admitida, é a de manietar a presidência para reduzir-lhe o alcance das mãos.

Mas, em toda essa articulação, falta o dado fundamental. Todos concordam que presidente eleito em primeiro turno, cheio de cacife, dificilmente deixará de influir. Nem que não queira. Ou seja, para onde pender Fernando Henrique, penderá o Senado. Por isso, embora já se saiba que no íntimo ele não quer Sarney, aguarda-se de sua parte um sinal para que as jogadas sejam feitas com maior transparência.

Como ele não o fará com clareza, a tarefa de ler o que lhe vai à mente foi entregue a Marco Maciel. Além de vice, é considerado como leitor até de mensagem espírita.